

## **ENTRE O ACOLHIMENTO E A REJEIÇÃO: IMPACTOS FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LGBTQIAPN<sup>+</sup>(1).**

**Érica Natália Fernandes Ferreira<sup>(2)</sup>; Camilly Victoria do Vale Marques<sup>(3)</sup>; Zyon Lars Paiva  
Oliveira<sup>(4)</sup>.**

(1) Trabalho desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIC) da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP;

(2) Discente do Curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte;  
[nataliaferreira9@outlook.com](mailto:nataliaferreira9@outlook.com);

(3) Discente do Curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte;  
[cm984030@gmail.com](mailto:cm984030@gmail.com);

(4) Professor orientador, especialista e docente do curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rede de apoio; Sexualidade; Gênero; Subjetividade; Sofrimento psíquico.

### **INTRODUÇÃO**

Culturalmente, as relações familiares são essenciais para a construção identitária dos indivíduos, podendo ser base para propiciarem segurança emocional e um desenvolvimento integrado e saudável entre os integrantes do laço familiar. Todavia, em contextos vivenciados por pessoas LGBTQIAPN+, a ausência de acolhimento diante da revelação da orientação sexual ou identidade de gênero, pode desencadear um ciclo de exclusão e sofrimento, fazendo com que a família, em alguns casos, torne-se a principal fonte de violência, em razão da não aceitabilidade. Atrelado a isso, tem-se também a influência de valores morais e religiosos, que tendem a dificultar a aceitação e reforçar preconceitos, podendo romper vínculos familiares (Ferreira Neto; Leite; Barros, 2023).

Diante a isso, Araujo et al. (2026), argumentam que a família pode se enquadrar como um possível agente de proteção ou um potencial risco para a saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+. A partir da postura adotada no ambiente familiar, esse indivíduo pode vir a desenvolver, em casos de negligência, sofrimento psíquico; já em situações de aceitação e inclusão, esse espaço torna-se privilegiado de cuidado. Em situações em que há rejeição no próprio lar, podem surgir grandes prejuízos para a saúde mental, que podem acompanhá-lo ao longo da vida. É possível vislumbrar consequências também no âmbito social, como afastamento dos parentes, dificuldade ao se relacionar, principalmente com os genitores e reações violentas (Menezes; Irineu, 2024).

Nesse contexto, adentra-se na importância de uma rede de apoio para a comunidade LGBTQIAPN+, como amigos, profissionais de saúde, serviços e políticas públicas, visando à redução do sofrimento, à promoção do bem-estar e ao fortalecimento da resiliência, entendendo que a ausência dessa rede aumenta a vulnerabilidade social desse grupo e impacta diretamente na subjetividade desses indivíduos (Ferreira Neto; Leite; Barros, 2023).

Tendo em vista o exposto, traçou-se como objetivo para este trabalho: discutir como a rejeição familiar à identidade de gênero ou à orientação sexual do filho impacta na construção identitária LGBTQIAPN+, com o intuito de ampliar a produção científica e dar maior visibilidade a esse grupo, contribuindo para a promoção de práticas mais inclusivas e acolhedoras.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para a elaboração deste estudo, optou-se por uma pesquisa de caráter exploratória, uma vez que busca proporcionar maior familiaridade com a problemática abordada, contribuindo para ampliação das discussões acerca do tema. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa qualitativa, por se preocupar com a compreensão de significados, experiências e aspectos subjetivos da realidade (Gil, 2002).

Ademais, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, sendo desenvolvida a partir de materiais já elaborados e publicados, buscando analisar aspectos sociais, culturais e históricos relacionados à temática estudada (Gil, 2002). Diante disso, foi realizada uma busca nas bases de dados *SciELO* e *Google Acadêmico*, por meio da utilização de palavras-chave como “rede de apoio”, “sexualidade”, “gênero”, “subjetividade” e “sofrimento psíquico”, no período de 2021 a 2026 (últimos cinco anos), encontrando-se 794 resultados.

Foram excluídos aqueles que não apresentavam relação direta com a temática, resultando em 10 achados, entre eles artigos científicos, livros e dados institucionais. O material selecionado foi examinado por meio da análise de conteúdo, buscando interpretar, de forma sistemática, os sentidos presentes nos dados analisados (Gil, 2002). Por fim, o estudo seguiu os princípios éticos da pesquisa e respeitou os direitos autorais de cada obra utilizada como base.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Compreende-se que, conforme apontam Lacerda e Souza (2024), considerável parcela das pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ enfrentam – ou enfrentaram - um processo doloroso antes e durante a revelação de sua sexualidade ou identidade de gênero para a família. Nesse contexto, o núcleo familiar é entendido como um agente crucial para o sentido de pertencimento do sujeito, considerando que, a partir de sua aceitação ou não da sexualidade ou identidade de gênero do(a) familiar, esse indivíduos podem vir a desenvolver, para além dos desafios emocionais e sociais, sofrimento psíquico (Santos, 2025). Ainda, segundo Andrade, Godinho e Soares (2025), quando a família assume seu papel como rede de apoio e espaço de acolhimento,

reconhecendo o sujeito LGBTQIAPN+ em sua totalidade, esse ambiente tende a possibilitar a liberdade de expressão, favorecendo a afirmação de sua identidade e a vivência de relações pautadas no respeito e na aceitação, além de contribuir para o fortalecimento da resiliência e da autoestima dessas pessoas.

Entretanto, a realidade brasileira mostra-se totalmente diferente. De acordo com dados do Atlas da Violência de 2023, houve um aumento da violência entre 2020 e 2021 contra homossexuais (+14,6%), bissexuais (+50,3%) e pessoas trans e travestis, tanto psicológica (+20,4%) quanto física (+9,5%), especialmente entre jovens de 15 a 29 anos, grupo mais afetado pela *LGBPQIAPN+fobia*, corroborando para casos de ideação suicida, autoagressão e tentativas de suicídio, refletindo um sofrimento psíquico ocasionado pela rejeição, violência e hostilidade social (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023).

A vulnerabilidade varia conforme fatores sociais e interseccionais de gênero, classe e raça, é diante a isso em que as pessoas negras acabam por ser as mais vitimizadas, demonstrando um evidente recorte étnico e racial, sendo os agressores, em sua maioria, do gênero masculino (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023). Atrelado a isso, Mota (2024), a partir de um diálogo entre *Michel Foucault* e *Judith Butler*, discute como a sexualidade não é apenas reprimida, mas produzida, controlada e regulada por discursos e instituições, como o Estado e a Igreja. Dessa forma, a sexualidade passa a ser regulada por um “dispositivo de poder”, entendido como uma rede de normas, discursos e práticas. Esse poder não apenas reprime, mas também produz normas identitárias a serem seguidas.

Historicamente, o masculino foi associado ao poder, à liderança e à autoridade, enquanto o feminino foi ligado à submissão e à inferioridade. Um exemplo disso é a Roma Antiga, em que homens que assumiam comportamentos considerados femininos eram vistos como inferiores e perdiam status social, demonstrando como a valorização da masculinidade existe há muito tempo. A partir dessa perspectiva, Foucault (1976 *apud* Silva, 2025), discute que a sexualidade e as identidades de gênero são reguladas socialmente por relações de poder e normas impostas. Assim, o preconceito contra homens gays afeminados relaciona-se ao medo da feminilidade e à ideia de que o feminino representa fragilidade e perda de poder masculino.

Diante disso, a autora Butler (2003 *apud* Mota, 2024), discute que o gênero não é fixo nem natural, mas uma construção social. Ele é performativo, ou seja, construído por repetições de práticas, discursos e comportamentos. Há, portanto, uma crítica ao binarismo e à heteronormatividade impostos no meio social, visto que a sociedade impõe uma heterossexualidade compulsória, visando à regulação da subjetividade dos indivíduos. A partir das discussões de ambos os autores, compreende-se como gênero e sexualidade são moldados

por meio de relações de poder e discursos sociais e que questionar essas normas possibilita uma compreensão mais ampla da diversidade, uma vez que esses discursos podem incluir ou excluir sujeitos e produzir violência simbólica (Mota, 2024).

Somado a isso, torna-se fundamental considerar o papel do ambiente familiar nesse processo, visto que é nesse espaço que se estabelecem os primeiros vínculos afetivos e se inicia a construção da identidade. Considerando que o vínculo inicial com os cuidadores garante proteção, segurança e serve como base para relações futuras, sendo o olhar e o cuidado do outro essenciais para a formação do sujeito (Semensato, 2025).

Andrade, Godinho e Soares (2025), pontuam que a reação da família depende do grau de abertura e dos valores culturais, podendo, em alguns casos, atuar como reprodutora da heteronormatividade. Nesse contexto, a rejeição ou aceitação familiar torna-se decisiva na vida de jovens LGBTQIAPN+, pois, quando há falta de reconhecimento e acolhimento por parte da família, a existência subjetiva LGBTQIAPN+ fica ameaçada. Nessa perspectiva, o acolhimento reafirma o vínculo afetivo primário, permitindo a esse indivíduo uma construção identitária mais integrada. Contudo, quando ocorre a rejeição, há uma ruptura do vínculo, e a pessoa experiencia sentimentos de abandono, negação de si e conflitos internos. Desse modo, a rejeição familiar desorganiza ou fragiliza a construção do “eu” desse sujeito (Semensato, 2025).

A partir disso, evidencia-se a importância da atuação da Psicologia, a fim de promover uma melhor relação e aceitação durante o processo de construção da identidade (Lacerda; Souza, 2023). Ademais, Ferreira Neto, Leite e Barros (2023), ressaltam a importância de profissionais da saúde mental para pessoas inseridas na comunidade LGBTQIAPN+, destacando também a necessidade de que esses profissionais estejam preparados para lidar com questões de identidade de gênero e orientação sexual.

O Conselho Federal de Psicologia (2023), enfatiza que a atuação profissional da(o) Psicologia deve combater preconceito e discriminação e promover dignidade e inclusão, demonstrando que há avanços voltados à comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil, mas ainda há falta de políticas públicas eficazes e persistência de desigualdades. Reconhece-se que o sofrimento psíquico não surge da identidade, mas da discriminação e violência social em uma sociedade estruturada pela cisheteronormatividade.

Portanto, a existência de ambientes acolhedores, compostos por família, escola ou grupos de apoio, ajuda a reduzir riscos de sofrimento psíquico. O acolhimento atua como um fator protetivo para essas pessoas, enquanto a rejeição aumenta quadros de depressão e o risco de suicídio, de modo que a Psicologia, inserida nesse cenário, deve acolher sem julgamento,

respeitar identidade e autonomia e atuar no enfrentamento das violências, reconhecendo que a diversidade é parte legítima da experiência humana (Conselho Federal de Psicologia, 2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar e apresentar os impactos do acolhimento e da rejeição familiar na construção identitária de pessoas LGBTQIAPN+. Notou-se que o ambiente familiar pode se configurar tanto como um espaço de proteção quanto de risco, influenciando diretamente a saúde mental, as relações sociais e a forma como esses indivíduos vivenciam e constroem sua identidade. Enquanto o acolhimento familiar é associado a um importante fator protetivo, promovendo autoestima, bem-estar e sentimento de pertencimento, a rejeição está diretamente ligada ao sofrimento psíquico, à fragilização de vínculos e ao aumento da vulnerabilidade social. Isso demonstra que a identidade não se constrói de forma isolada, mas depende do olhar do outro e do reconhecimento social e familiar.

A partir do exposto, torna-se evidente a importância da atuação intersetorial da Psicologia na promoção de espaços de escuta, acolhimento e mediação de conflitos, colaborando para a construção de relações mais saudáveis e inclusivas. Além disso, destaca-se a necessidade de ampliação de políticas públicas e de ações educativas que promovam o respeito à diversidade, visando à redução das desigualdades e à garantia de direitos dessa população.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. G. V.; GODINHO, M. T.; SOARES, L. P. Juventude LGBTQIA+ e família: Entre o acolhimento e a rejeição. **Revista COR LGBTQIA+**, Curitiba, v. 1, n.9, p. 106-122. jul. 2025. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/1661>. Acesso em: 23 abr. 2026.

ARAUJO, A. F. *et al.* Família como espaço de risco e proteção: violência, sofrimento psíquico e saúde mental na população LGBTQIAPN+. In: Congresso Metodista 2025. **Anais...** São Bernardo do Campo: Umesp, 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas, Psicólogos e Psicólogues em Políticas Públicas para População LGBTQIA+**. Brasília: CFP, 2023.

FERREIRA NETO, I. C. F.; LEITE, T. B.; BARROS, C. M. P. Saúde mental do sujeito LGBTQIAPN+: em razão da não aceitabilidade familiar. **UNIVAG Centro Universitário**, [S.l.], p. 1-22. 2023. Disponível em:

<https://repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1842>. Acesso em: 24 abr. 2026.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas 2023: População LGBTQI+**. Ipea, 2023. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/282/atlas-2023-populacao-lgbtqi>. Acesso em: 05 maio 2026.

LACERDA, L. G.; SOUZA, L. J. B. **Saí do armário! E, agora? Jovens LGBTQIAPN+ revelando a orientação sexual para a família**. 2024. 38 f. Relatórios de pesquisa (Programa de Iniciação Científica) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.rel.uniceub.br/pic/article/viewFile/10040/6014>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MENEZES, M.; IRINEU, B. A. LGBTQIAPN+fobia familiar em registros oficiais: uma análise de dados no Estado de Sergipe anteriores à criminalização da homofobia no Brasil. **SER Social**, Brasília, v. 26, n. 54, p. 32-53. 2024. Disponível em:

[https://doi.org/10.26512/ser\\_social.v26i54.50165](https://doi.org/10.26512/ser_social.v26i54.50165). Acesso em: 23 abr. 2026.

MOTA, B. L. P. A interconexão entre poder, saber, gênero e sexualidade: um breve diálogo entre Michel Foucault e Judith Butler. **Polymatheia - Revista de Filosofia**, [S.l.], v. 17, n. 1, 94-113. jun. 2024. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/12760>. Acesso em: 05 maio 2026.

SANTOS, N. F. **Vivências na fase da adolescência que conduz para o transtorno depressivo e a ideação suicida na comunidade LGBTQIAPN+**. 2025. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Centro Universitário de Patos, Patos, 2025. Disponível em:

<https://editora.unifip.edu.br/repositoriounifip/article/view/6582?articlesBySimilarityPage=2>. Acesso em: 25 abr. 2026.

SEMENSATO, M. R. As raízes da formação de vínculos afetivos: uma revisão a partir de Bowlby e Winnicott. **Revista Multidisciplinar INOVARE**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-8. 2025. Disponível em: [https://fabin.edu.br/revista/index.php/INOVARE/pt\\_BR/article/view/6](https://fabin.edu.br/revista/index.php/INOVARE/pt_BR/article/view/6).

Acesso em: 05 maio 2026.

SILVA, C. M. A construção social do gênero e preconceito: uma reflexão histórica e contemporânea. **Academia**, São Francisco, p. 1-3. ago. 2025. Disponível em:

[https://www.academia.edu/129038709/A\\_CONSTRU%C3%87%C3%83O\\_SOCIAL\\_DO\\_G%C3%84NERO\\_E\\_PRECONCEITO\\_UMA\\_REFLEX%C3%83O\\_HIST%C3%93RICA\\_E\\_CONTEMPOR%C3%82NEA](https://www.academia.edu/129038709/A_CONSTRU%C3%87%C3%83O_SOCIAL_DO_G%C3%84NERO_E_PRECONCEITO_UMA_REFLEX%C3%83O_HIST%C3%93RICA_E_CONTEMPOR%C3%82NEA). Acesso em: 07 maio 2026.